

A VARIAÇÃO SOCIAL SOB O OLHAR DOS FALANTES PEDREIRENSES
SOCIAL VARIATION IN THE PERCEPTIONS OF PEDREIRENSES
SPEAKERS

Edson Araujo de Oliveira Filho (UFMA/PGLB/CAPES)¹

José Antônio Vieira (UEMA/UFMA/PGLB)²

RESUMO

A Sociolinguística é uma área de estudos que surge em confronto aos estudos estruturalistas saussurianos, principalmente ao conceber que a língua não é um sistema autônomo e intocável. A presente pesquisa surgiu do interesse de contribuir para o acervo acadêmico da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus de Pedreiras. Diante disso, levantou-se a seguinte problemática: como os falantes pedreirenses reconhecem as variações sociais? Desse modo, selecionou-se um quadro de expressões e gírias como palavras utilizadas em contextos socio discursivos coletados na internet. O objetivo geral deste estudo é analisar os fatores que influenciam as percepções dos falantes sobre as variações sociais da língua. Para alcançar esse propósito, buscou-se explorar os estereótipos linguísticos associados à variedade social em questão por meio do discurso direto coletado, assim como comparar as percepções de diferentes grupos sociais sobre as expressões postas em análise; e por fim gerar gráficos que proporcionem uma visão quantitativa e qualitativa sobre o fenômeno estudado. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e de campo, situada na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, adotando abordagens qualitativa e quantitativa. Para tanto, fundamentamos a investigação em estudos de Saussure (2006), Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Alkmin (2012) e Lucchesi (2012). Por fim, nossas análises permitiram compreender que os falantes pedreirenses atribuem as variações sociais principalmente aos jovens, associadas predominantemente ao sexo masculino, percepção essa motivada pelo preconceito linguístico em relação a linguagem dos jovens.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação social; Preconceito linguístico; Percepção.

ABSTRACT

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Campus de Bacabal, no Programa de Pós-graduação em Letras (PGLB/CCBA) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: edsonaraujodeoliveirafilho@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0009-0000-0431-1402>

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), professor adjunto II da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: zeletras@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9065-925X>

Sociolinguistics is an area of study that arises in confrontation with Saussurian structuralist studies, especially when conceiving that language is not an autonomous and untouchable system. The present research arose from the interest of contributing to the academic collection of the State University of Maranhão (UEMA), Pedreiras Campus. In view of this, the following problem was raised: how do the speakers of Pedreirenses recognize social variations? Thus, a table of expressions and slang was selected as words used in socio-discursive contexts collected on the internet. The general objective of this study is to analyze the factors that influence speakers' perceptions of the social variations of the language. To achieve this purpose, we sought to explore the linguistic stereotypes associated with the social variety in question through the collected direct discourse, as well as to compare the perceptions of different social groups about the expressions analyzed; and finally to generate graphs that provide a quantitative and qualitative view of the phenomenon studied. This study is characterized as a bibliographic and field research, situated in the perspective of Variationist Sociolinguistics, adopting qualitative and quantitative approaches. To this end, we based the investigation on studies by Saussure (2006), Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Alkmin (2012) and Lucchesi (2012). Finally, our analyses allowed us to understand that the speakers of Pedreirenses attribute the social variations mainly to young people, predominantly associated with the male sex, a perception motivated by linguistic prejudice in relation to the language of young people.

Keywords: Sociolinguistics; Social variation; Linguistic prejudice; Perception.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a linguagem é um campo amplo do conhecimento, assim Saussure lança seu interesse exclusivamente a perspectiva da língua, utilizando como justificativa a questão da coletividade e homogeneidade, considerando a língua como autônoma e abstrata, em outras palavras, independente dos falantes. No entanto, com o avanço da ciência e sobretudo dos estudos linguísticos, parte da teoria saussuriana passou a ser questionada e problematizada, especialmente com a expansão dos estudos funcionalistas da linguagem.

Na atualidade, os estudos linguísticos se organizam em diversas áreas, como a fonética, fonologia, pragmática, semântica, linguística aplicada, sociolinguística, entre outras. Essa pesquisa insere-se no campo da Sociolinguística, área fundada por Labov, cujo foco é o estudo do funcionamento real da língua, especialmente a partir da perspectiva da fala, diferentemente dos estudos inaugurais de Saussure, assim a

Sociolinguística não concebe a língua como um sistema autônomo e intocável, pelo contrário, como uma prática efetivada por meio dos falantes.

Diante disso, este trabalho possui como problemática o seguinte questionamento: como os falantes pedreirenses reconhecem as variações sociais? Para tanto traçaram-se os seguintes objetivos, de modo geral analisar os fatores que influenciam as percepções dos falantes sobre as variações sociais da língua, de forma específica, explorar os estereótipos linguísticos associados à variedade social em questão por meio do discurso direto coletado, assim como comparar as percepções de diferentes grupos sociais sobre as expressões postas em análise.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, ancorada na Sociolinguística Variacionista, com abordagem qualitativa e quantitativa. Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário elaborado na plataforma Google Forms, com o objetivo de reunir as percepções de falantes pedreirenses acerca de expressões e gírias contemporâneas. Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se nos estudos de Saussure (2006), Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Alkmin (2012) e Lucchesi (2012), que discutem as noções de variação linguística, percepção e preconceito linguístico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico, apresentamos uma breve contextualização sobre a linguística estruturalista e o surgimento da Sociolinguística como nova ciência, para isso, abordamos desde os postulados saussurianos até as concepções contemporâneas, com destaque para a noção de variação linguística e preconceito linguístico.

Saussure (2006) define a língua como o objeto central da linguística, em oposição ao estudo da fala. Para o autor, a língua é coletiva, abstrata e autônoma, constituindo-se como um objeto concreto por ser um produto social da faculdade humana. Nesse sentido, a língua ocupa um lugar privilegiado nos estudos da linguística estruturalista. Em síntese, Saussure busca distinguir a língua da fala, enquanto a primeira é homogênea e coletiva, a segunda é heterogênea e estritamente individual.

Nota-se que embora Saussure não tivesse interesse em aprofundar-se nos estudos funcionalistas da linguagem que contemplam a questão da fala, ele ainda a menciona, de forma parcial, em contraste com a língua, com o objetivo de justificar a perspectiva de seus estudos. Em outras palavras, o autor cria condições para que outros pesquisadores, caso tenham interesse, possam se dedicar a essa vertente, uma vez que sua atenção estava voltada para a língua e o estabelecimento de relevância nos estudos da linguagem.

A língua como autônoma e abstrata, parte da consideração de que é imutável, em síntese, intocável, desconsiderando os contextos de seu funcionalismo, amparado pela ótica do estruturalismo, colocando-a como imaculada de variações de seu uso, sobretudo, em um patamar de suficiência própria de modo a desconsiderar o próprio funcionamento da linguagem, contudo, a partir dos estudos da fala, essa intocabilidade começou a ser questionada.

Para Labov (2008), a variação linguística é uma característica intrínseca da linguagem humana, reafirma que a língua é heterogênea, e não homogênea, como sustentado pelos postulados estruturalistas de Ferdinand de Saussure, ao decidir abordar as dimensões de uso da língua. O sociolinguista volta-se especialmente para os estudos da fala, isto é, para a individualidade no uso linguístico.

Ao se dedicar ao fenômeno da fala, antes negligenciado pelos estruturalistas, ele rompe com a ideia idealizada de língua como um sistema independente dos falantes, autônomo e intocável, diante disso, a sociolinguística surge com a proposta pretensiosa de considerar a fala como o principal objeto de estudo ao invés de ater-se exclusivamente ao reforçamentos dos postulados saussurianos.

Dessa forma, a partir de Labov (2008), instaura-se um processo de rompimento com os pressupostos saussurianos, uma vez que, com o surgimento dos estudos sociolinguísticos, o contexto de uso da língua, especialmente a fala passa a ser problematizado. Nesse movimento, destaca-se a noção de comunidade de fala, articulada ao uso das variações linguísticas que emergem do uso cotidiano da linguagem e de seus condicionamentos sociais.

Alkimin (2012, p. 34) Afirma que “os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias da região, classe social, de uma perspectiva geral, podemos

descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros: a variação geográfica e a variação social”. Em outras palavras, a língua não é intocável e sofre adequações de seu uso através do contato social dos falantes com diversos fatores, assim essa pesquisa apoia-se nos estudos de percepção dos falantes em relação a variação social.

Adiante, Labov (2008) aponta que os falantes não são apenas sujeitos que produzem e reproduzem variações linguísticas, mas também indivíduos que percebem as variantes que os cercam, atribuindo-lhes juízos e valores sociais. Em outras palavras, é recorrente que os sujeitos estejam atentos às formas de comunicação de outros indivíduos e frequentemente, essa percepção das variações gera avaliações negativas, sobretudo de caráter estigmatizante sobre seus falantes, culminando no preconceito linguístico.

Segundo Lucchesi (2012), o preconceito linguístico não se restringe a um julgamento que apenas classifica determinados usos da língua como irregulares ou fora da normatividade, trata-se, sobretudo, de uma avaliação social que marginaliza seus falantes e desconsidera os contextos de uso e os processos de adaptação da linguagem. Nesse sentido, os condicionamentos sociolinguísticos são ignorados e os indivíduos pertencentes às camadas populares passam por processos de estigmatização que interferem em diferentes esferas da experiência humana, como o acesso ao emprego, em virtude da discriminação associada às formas como se expressam.

Em relação ao processo de percepção, Bortoni-Ricardo (2004) argumenta que determinadas variações linguísticas são por vezes consideradas de menor prestígio pelos falantes e tendem a ser associadas a grupos sociais historicamente estigmatizados. Esse processo contribui para o reforço das desigualdades sociais e mecanismos de exclusão, recaindo principalmente sobre pessoas pertencentes às camadas populares e com baixa escolarização, ou seja, grupos que enfrentam maiores obstáculos, sobretudo no que diz respeito ao acesso e à permanência na escola.

A partir das discussões desenvolvidas ao longo deste tópico, pretende-se, no decorrer da análise do corpus e nas considerações deste trabalho, apresentar e detalhar a percepção dos sujeitos pedreirenses em relação ao conjunto de variantes que será apresentado a seguir

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se, em um primeiro momento, como uma pesquisa de caráter bibliográfico, configurando-se também como um trabalho de natureza mista, por articular abordagens qualitativas e quantitativas. Insere-se de modo particular, no campo da Sociolinguística Variacionista, fundamentando-se nos estudos de Alkmin (2012), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (2008), Lucchesi (2012), Saussure (2006).

CORPUS

Por meio de um questionário elaborado e disponibilizado na plataforma *Google Forms*, foram construídas 10 (dez) perguntas, das quais quatro diziam respeito a aspectos identitários dos participantes, as demais estavam relacionadas à percepção das variações linguísticas. Embora o questionário estivesse disponível *online*, a coleta de dados ocorreu presencialmente, por meio de entrevistas, sendo o formulário preenchido em um dispositivo móvel pelos autores da pesquisa a partir das respostas fornecidas nas entrevistas.

Justifica-se essa conduta pelo fato de que nem todas as pessoas possuem familiaridade com o uso de *links*, além disso, a circulação em diferentes espaços públicos ampliou as possibilidades de coleta de dados variados e imprevisíveis, a pesquisa contém como *corpus* o total de 40 (quarenta) entrevistas de cidadãos pedreirenses, coletadas em espaços públicos como rodoviária, mercado central, praças e lojas da cidade.

PERGUNTAS

Tabela 1 - Perguntas utilizadas no questionário.

1- Sexo do informante.
2- Faixa etária.
3- Escolaridade.
4- Profissão.

PALAVRAS PARA PERCEPÇÃO: <i>Palavras: Papo reto, Tá ligado? , Tá de boas, Bateu a brisa, Desenrola, Dar mole, Tropa , Rolezinho , Mó fita , Quebrada , Brotar , Resenha , Cria , Pega a visão , Nós vai, Coroa, Salve , Suave , Os de verdade.</i>
5- Qual é a sua opinião sobre essas palavras/expressões?
6- Qual grupo social você acredita que costuma usar essas palavras/expressões?
7- Em sua visão, qual gênero utiliza com mais frequência essas palavras/expressões?
8- Como você imagina que seja o perfil racial ou étnico das pessoas que costumam usar essas palavras/expressões?
9- Qual nível de escolaridade você acredita que as pessoas que usam essas palavras/expressões possuem?
10- Na sua opinião, qual classe social costuma usar essas palavras/expressões?

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

PERFIL DOS INFORMANTES

Neste tópico, serão apresentados fragmentos dos resultados de algumas perguntas do formulário eletrônico utilizado como método de coleta de dados. A partir desses resultados, busca-se demonstrar a percepção dos falantes da cidade de Pedreiras acerca de determinadas expressões e gírias. A coleta de dados iniciou-se com a apresentação de um termo de consentimento, no qual os participantes autorizaram a circulação dos resultados das entrevistas e manifestaram concordância em contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, desse modo, buscou-se resguardar a identidade dos falantes em relação ao campo da nomeação, substituindo seus nomes de registro por códigos que assegurem o anonimato.

As perguntas de 1 a 4 referem-se às características dos informantes, contemplando sexo, idade, escolaridade e profissão. Observou-se que a pesquisa contou com 50% de participantes do sexo masculino e 50% do sexo feminino, o maior grupo corresponde a indivíduos entre 18 e 29 anos, em sua maioria adultos, jovens e estudantes da rede estadual de ensino. Em seguida, destacam-se os informantes com idades entre 30 e 44 anos, enquanto o grupo menos representativo é composto por participantes com 60 anos ou mais anos.

A entrevista foi realizada por meio do formulário eletrônico, utilizando a plataforma *Google Forms*, contudo, a coleta dos dados ocorreu de forma presencial, uma vez que nem todos os públicos possuem facilidade no uso dessas ferramentas digitais. Além disso, apenas a aplicação virtual poderia comprometer os resultados, visto que o envio do *link* costuma restringir-se a pessoas conhecidas, o que poderia manipular a amostra.

Diante disso, optou-se por ir às ruas com um tablet, entrevistando diretamente os participantes e inserindo suas respostas no formulário eletrônico, esse procedimento assegurou que nenhum público fosse excluído e garantiu a originalidade dos dados, visto que não houve relação pessoal prévia entre o pesquisador e os informantes entrevistados.

Em relação a escolaridade do público entrevistado percebeu-se que os resultados demonstram que a maior parte dos informantes possui ensino médio completo (27,5%), seguida por aqueles com ensino fundamental incompleto (22,5%), em proporções menores, aparecem os participantes com ensino médio incompleto (15%) e ensino superior completo (12,5%). Enquanto os grupos formados por indivíduos que não estudaram e os que possuem ensino superior incompleto correspondem a 10% da amostragem, diante disso, nota-se que a pesquisa contempla um público diverso.

Em relação a identidade profissional dos entrevistados, observa-se que a maior parte dos declarantes se identifica como estudante, representando 32,5% (13 pessoas). Em seguida, aparecem os vendedores com 12,5% (5 pessoas) e as aposentadas com 10% (4 pessoas). As categorias de secretária (7,5% = 3 pessoas), funcionário público (5%). Em relação às ocupações de advogada, CLT e outras funções isoladas registram apenas 2,5% (1 pessoa cada). Esses dados evidenciam uma predominância do público estudantil, mas também uma diversidade de perfis profissionais entre os respondentes.

ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa de percepção sociolinguística caracteriza-se pela observação do olhar dos falantes sobre determinadas variantes linguísticas, permitindo identificar seus

posicionamentos em relação aos usos observados. Nesse sentido, o presente estudo concentra-se em expressões selecionadas por meio de redes sociais e nas percepções que os falantes pedreirenses manifestam acerca delas. Confira a seguir as palavras postas em análise dos informantes:

Tabela 02 - Quadro de palavras escolhidas para a percepção dos informantes.

Papo reto, Tá ligado? , Tá de boas, Bateu a brisa, Desenrola, Dar mole, Tropa , Rolezinho , Mó fita , Quebrada , Brotar , Resenha , Cria , Pega a visão , Nós vai, Coroa, Salve , Suave , Os de verdade.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Em relação a exposição desse quadro de palavras, interrogou-se os informantes a respeito de suas percepções dessas expressões, culminando nas seguintes respostas.

Veja abaixo:

Tabela 03 - Quadro de percepções dos informantes acerca das palavras.

INFOR01-2025	Julgo essas expressões como inadequadas, pois ferem a língua portuguesa, inaceitável.
INFOR02-2025	Meus netos falam com muita frequência , eu sempre brigo com eles para falarem o português direito.
INFOR03-2025	Não tem bom vocabulário, faltou pisa da mãe.
INFOR04-2025	Apesar de eu não ter estudado, acho feio quem fala dessa forma e tem oportunidade de estudar.
INFOR05-2025	São gírias populares que vem dos jovens de baixa instrução acadêmica.
INFOR06-2025	Mó legal, são gírias.
INFOR07-2025	Acho normal, até uso muito com os amigos.
INFOR08-2025	São diferentes, eu até gosto delas.
INFOR09-2025	Eu acho que é uma evolução, o mundo sempre evolui.
INFOR10-2025	São gírias e algumas estão em desuso, na década de 90.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota-se que os cinco primeiros informantes apresentam uma visão mais estigmatizada em relação às palavras analisadas, apoiando-se especialmente na concepção da gramática normativa/tradicional. Dessa forma, existe uma regularidade em suas respostas, que tendem a marginalizar essas formas linguísticas e a incentivar o seu desuso, nesse contexto, não apenas as palavras são alvo dessa postura estigmatizadora, mas também os próprios falantes.

Configura-se, assim um processo de marginalização, sustentado por duas hipóteses levantadas pelos autores. A primeira é que os entrevistados podem marginalizar esses usos em razão de um conhecimento mais aprofundado das normas que regem a língua portuguesa ou até mesmo de um nível básico que permite distinguir os usos. A segunda hipótese refere-se ao campo dos sons, a maneira como essas palavras são pronunciadas e escutas pode causar estranheza nos falantes, dessa forma, estabelece-se um movimento de desaprovação e conseqüentemente, de marginalização dos sujeitos que fazem uso dessas formas linguísticas.

Isso é notório na percepção do informante INFOR03-2025, que afirma: “*Não tem bom vocabulário, faltou pisa da mãe.*” Para esse sujeito, os modos de falar não são vistos apenas como resultado da falta de acesso ao conhecimento, mas também como reflexo de uma suposta indisciplina familiar, em outro trecho é possível perceber uma posição ainda estigmatizadora, mas com um tom mais sensível, veja a seguir: “Meus netos falam com muita frequência, eu sempre brigo com eles para falarem o português direito.” INFOR02-2025, isso é um exemplo mais prático de percepção e pelo contexto enunciativo tanto o primeiro fragmento quanto este partem de sujeitos enunciadore de idade acima de 40 anos.

Ambos os informantes associam esses ditos populares a pessoas mais jovens e com baixa escolaridade. Esse posicionamento aparece de forma explícita na fala de INFOR05-2025: “*São gírias populares que vêm dos jovens de baixa instrução acadêmica*”. O informante reforça a ideia de que tais expressões seriam próprias do público juvenil, sobretudo daqueles com menor nível de escolaridade, concebendo que apenas jovens sem estudos tenderiam a utilizar esses tipos de dizeres.

A questão do acesso ao conhecimento também aparece problematizada em uma das percepções, como no caso do informante INFOR04-2025, que afirma: “*Apesar de eu não ter estudado, acho feio quem fala dessa forma e tem oportunidade de estudar.*” Em outras palavras, o informante associa esse modo de falar a pessoas com baixa escolaridade, no entanto, percebe-se um movimento de policiamento e fuga do próprio estigma, ao mesmo tempo em que se reconhece pertencente ao grupo que não teve acesso aos estudos, o informante busca se distanciar desse lugar social,

apresentando-se como uma exceção diante da regularidade de falantes que mesmo com oportunidade de estudos continuam a falar gírias.

É o que se observa também na formulação da seguinte percepção: “São gírias populares que vêm dos jovens de baixa instrução acadêmica” (INFOR05-2025). Nota-se que o informante, inicialmente, demonstra um nível de consciência linguística sobre a discussão, ao reconhecer essas expressões como *gírias*, como elementos enunciativos comuns do cotidiano. No entanto, na mesma formulação, o informante associa esses vocábulos aos jovens e como fator condicionante, relaciona seu uso à baixa escolaridade desses sujeitos falantes, essa visão configura-se como um estigma social, pois categoriza esses dizeres como próprios de um grupo social ainda em processo de formação.

Esses modos de falar são frequentemente associados a um público mais jovem e sobretudo, a indivíduos com baixo nível de escolaridade. Um aspecto relevante é que essa percepção de baixa escolaridade, atribuída com base na forma como esses indivíduos se expressam, poderá influenciar diretamente no processo de inserção desses sujeitos no mercado de trabalho. Isso ocorre porque existe um nível de linguagem socialmente esperado para cada ambiente profissional, desse modo é provável que esses falantes sejam marginalizados e até excluídos de empregos formais em razão de seus modos de falar.

O mercado de trabalho configura-se como um espaço tanto de adaptação dos falantes quanto de marginalização, visto que ao relacionarmos as desigualdades sociais e inserção profissional, observa-se que tais desigualdades têm múltiplas origens, especialmente a falta de oportunidades de trabalho. Diante disso, ainda na adolescência, muitos indivíduos se deparam com inúmeras limitações que os levam a priorizar a busca pelo sustento, em detrimento da continuidade dos estudos que conseqüentemente gera a redução do tempo dedicado aos estudos ou até mesmo o abandono escolar, interferindo diretamente no desenvolvimento da linguagem, sobretudo no domínio da norma padrão.

Esse estigma em relação à baixa escolaridade possui raízes historicamente sustentadas, a própria narrativa da formação do país é marcada por uma estrutura social em que apenas uma pequena parcela da população teve acesso à educação formal.

Atualmente, embora existam políticas públicas voltadas à redução dos índices de analfabetismo, a questão da baixa escolaridade continua fortemente associada à extrema pobreza, assim desde a promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988 e com o estabelecimento do Plano Nacional de Educação (PNE), passou-se a refletir não apenas sobre as condições de acesso à escola, mas sobretudo a permanência dos estudantes, buscando combater a evasão escolar entre crianças e jovens.

Em contrapartida, há um grupo de indivíduos que percebe esses ditos populares como algo comum, característico da comunicação cotidiana. Essa visão pode ser observada nos seguintes enunciados: (1) “Mó legal, são gírias” (INFOR06-2025) e (2) “Acho normal, até uso muito com os amigos” (INFOR07-2025). Nesses enunciados, os próprios informantes demonstram utilizar essas gírias e as compreendem como parte natural de suas interações, sem qualquer carga de estigma. Em comparação com os dados analisados anteriormente, nota-se que as respostas que tendem a marginalizar o uso das gírias são, em sua maioria, de pessoas mais velhas, ao passo que os informantes que as naturalizam pertencem a uma faixa etária considerada mais jovem.

Esses enunciados produzem um efeito de consciência linguística, levando os perceptores a compreender que as gírias e as novas palavras fazem parte do desenvolvimento natural da linguagem. Isso gera, sobretudo, um senso de aceitabilidade, reconhecendo tais expressões como um evento enunciativo comum da língua. No primeiro enunciado, ao afirmar que “acha normal”, o informante demonstra essa consciência, excepcionalmente ao classificar os gêneros a que pertencem essas palavras e expor sua visão sobre elas. Percebe-se também um uso de metalinguagem, pois o informante responde à pergunta utilizando os mesmos elementos linguísticos que são objeto da própria questão.

O segundo enunciado também se mostra aberto ao uso dessas palavras, demonstrando que elas fazem parte do seu repertório linguístico. Diante disso, percebe-se que ambos os enunciados revelam uma consciência sobre como lidam com esses contextos de uso, o que se afasta de uma posição preconceituosa que se apoia em uma perspectiva totalmente gramatical.

Outro dado interessante é que as últimas percepções apresentadas pertencem a pessoas cuja faixa etária é superior à dos informantes mais jovens, embora não façam

mais parte desse grupo, suas respostas revelam uma postura distinta das observadas inicialmente, isto é, não são discriminatórias, mas a concebem como um fato linguístico normal da comunicação humana, veja a seguir: “Eu acho que é uma evolução, o mundo sempre evolui.” - INFOR09-2025 e “São gírias e algumas estão em desuso, na década de 90” - INFOR10-2025. Nota-se que essas percepções se baseiam em uma perspectiva diacrônica da língua. O primeiro posicionamento interpreta esses dizeres como parte de um processo evolutivo da linguagem, considerando que a língua, assim como o mundo, está em constante transformação e adaptação.

Nesse fragmento, nota-se que a concepção de evolução linguística está baseada nas relações de uso e desuso, assim o primeiro posicionamento compreende o emprego dessas gírias e palavras como um processo evolutivo, sustentado na ideia de que a língua se adapta ao novo e está continuamente sujeita a transformações, pois os indivíduos mudam. Essa evolução manifesta-se, sobretudo, por meio dos contatos linguísticos e das práticas de uso que refletem as necessidades comunicativas dos falantes.

No segundo posicionamento, percebe-se que essas palavras passam por um processo de interdiscurso, que é entendido na análise do discurso como o movimento de resgate, por meio da memória discursiva, de termos que já foram utilizados, caíram em desuso e, com o tempo, retornam à circulação, desse modo, palavras que hoje são rotuladas e marginalizadas por serem consideradas novas ou diferentes já estavam em uso antes mesmo da década de 1990, conforme indica o relato do informante.

No entanto, essas expressões naturalmente passam por um processo de desuso, à medida que deixam de atender às necessidades comunicativas dos falantes, porém podem retornar ao uso em outros contextos, assumindo novos sentidos e funções discursivas, assim aquilo que hoje é estigmatizado, como uma suposta novidade que foge aos padrões normativos da língua, na realidade não é um fenômeno recente, mas dizeres que atravessam gerações.

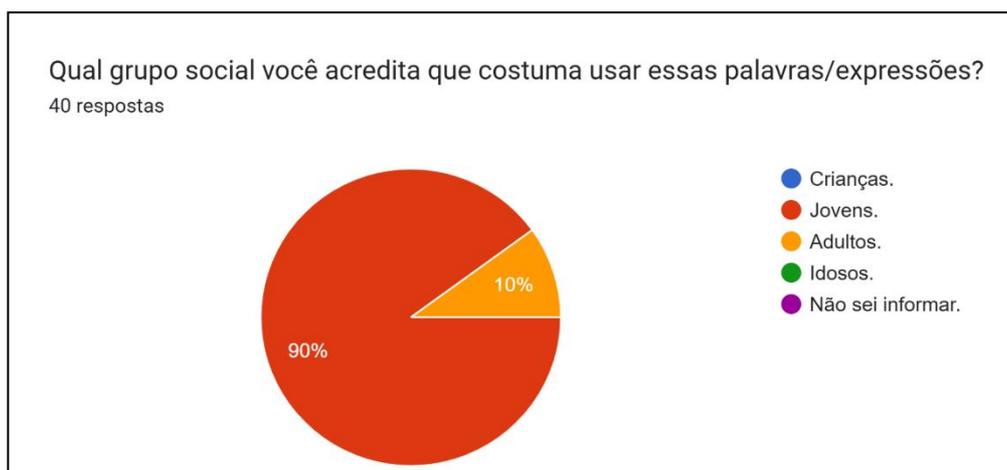
A questão do uso e desuso de expressões é resultado da vivência dos indivíduos em sociedade, constantemente influenciados pelo contexto cultural. Nesse sentido, é comum o surgimento de neologismos, que funcionam como o principal veículo de renovação e perpetuação das gírias. Atualmente, esse movimento pode ser

observado especialmente nas músicas e nas *trends* das redes sociais, assim, algumas palavras passam a adquirir novos significados capazes de expressar sentimentos individuais e coletivos, enquanto outras caem em desuso, dando lugar a novas formas de expressão.

Os neologismos são comuns, sobretudo, por resultarem da aproximação de radicais de palavras existentes a novos contextos sociodiscursivos, eles surgem da necessidade de criar termos que atendam às demandas comunicativas dos falantes, assim estão cada vez mais presentes em memes, canções, poemas e outros gêneros da esfera literária e pública, no entanto, é comum que a criação de novas palavras esteja fortemente associada ao público jovem, o que implica ainda mais no processo de marginalização dos falantes, o que ocorreria diferente se surgissem entre grupos de idosos ao invés de jovens.

Em continuidade a pesquisa, perguntou-se que público utilizava aquelas palavras postas, diante disso, observou-se o seguinte resultado, veja abaixo:

Gráfico 1 - Resultado da percepção sobre o público falante.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025) - Plataforma *Google Forms*.

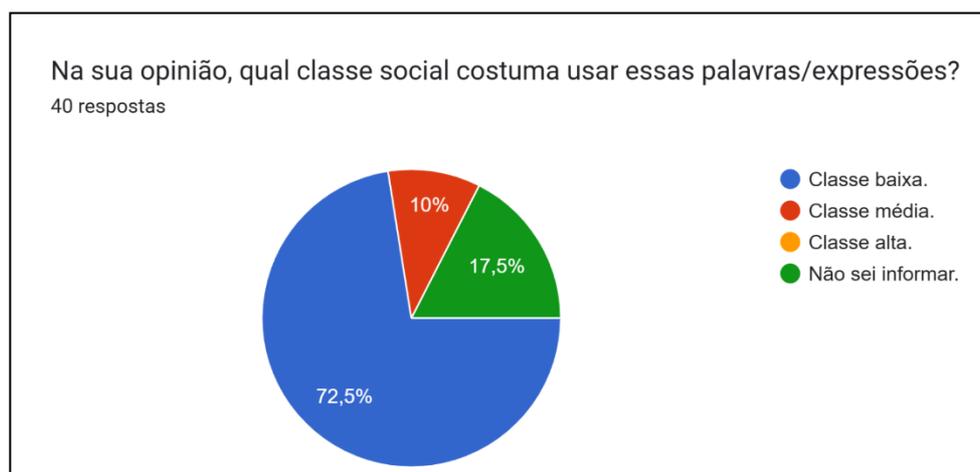
O gráfico mostra que 90% dos respondentes acreditam que os jovens são o grupo social que mais utiliza as palavras e expressões em questão, enquanto 10% associam esse uso aos adultos. Nenhum participante indicou crianças, idosos ou optou por “não sei informar”. Esses dados revelam uma percepção social fortemente marcada pelo estigma linguístico em torno da fala dos jovens, uma vez que a juventude é

frequentemente associada à inovação e à transgressão linguística, sendo vista como o grupo que mais cria e dissemina gírias e neologismos.

Essa percepção de tratar as variações linguísticas como uma novidade, é de certo modo compreensível, principalmente quando atribuída ao público jovem, pois a ideia de “novo” costuma ser associada à juventude devido ao constante desejo de explorar e experimentar, especialmente na contemporaneidade, marcada pela inserção intensa nas redes sociais como o surgimento de novas expressões e a rápida circulação de *trends* que contribuem para reforçar essa associação entre juventude e inovação linguística.

Em seguida, perguntou-se a respeito da percepção da classe social dos falantes, assim encontrou-se o seguinte resultado, veja abaixo:

Gráfico 2 - Resultado da percepção sobre a classe social dos falantes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025) - Plataforma *Google Forms*.

O gráfico revela que 72,5% dos participantes associam o uso das palavras e expressões apresentadas à classe baixa, enquanto 10% relacionam à classe média e 17,5% afirmam não saber informar, nenhum dos respondentes mencionou a classe alta. O resultado apresentado no gráfico revela o preconceito linguístico atrelado às desigualdades sociais, assim o fato de 72,5% dos participantes associarem o uso de determinadas palavras e expressões à classe baixa mostra que ainda há uma forte

relação entre língua e status social, em que o modo de falar é utilizado como critério de julgamento e distinção.

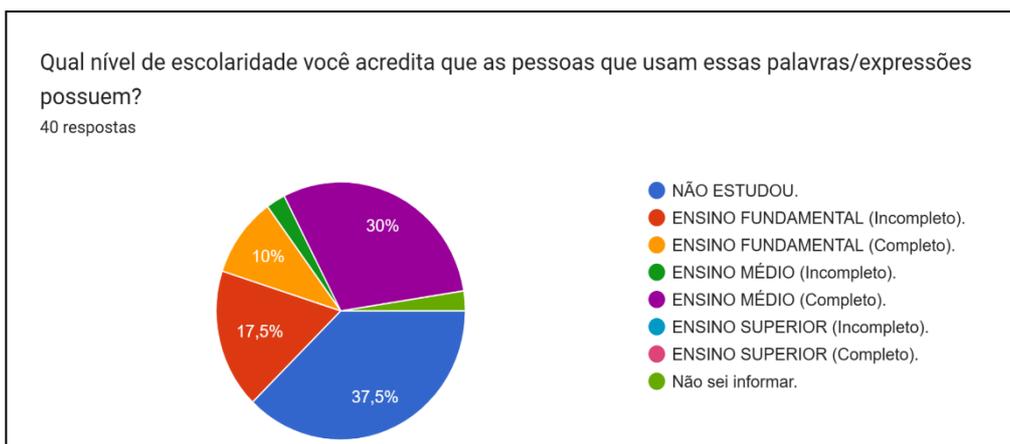
As desigualdades sociais, sem dúvidas, constituem uma das bases que sustentam o preconceito linguístico, pois afetam diversos eixos da vida humana, sobretudo no acesso à escolaridade e o nível de aprendizagem dos falantes. Esses fatores influenciam tanto o afastamento da norma-padrão quanto a manifestação de diferentes variações linguísticas. Desse modo, quando os dados indicam que a classe baixa é a que mais utiliza variações, mostra não apenas uma percepção preconceituosa, mas, sobretudo, o reconhecimento de como essas desigualdades impactam esses sujeitos.

No entanto, nem sempre esse reconhecimento é respeitoso, muitas vezes, a falta de escolaridade ou de um nível adequado de formação não é entendida como consequência das mazelas sociais, mas atribuída, de forma equivocada à falta de interesse dos indivíduos em estudar, ignorando o direito à educação que lhes é negado.

Essa realidade tornou-se ainda mais visível durante a pandemia da *COVID-19*, quando ao mesmo tempo em que se recomendava que a população permanecesse em casa, a vida exigia-se que continuasse trabalhando. Nota-se que essa orientação somente foi possível de ser seguida pelas classes mais favorecidas, aquelas que não viviam em situação de pobreza. Já as populações vulneráveis, se deixassem de trabalhar, enfrentariam a fome antes mesmo dos riscos da própria doença, pois não estavam isentas de despesas nem da necessidade de garantir o básico.

Outra regularidade observada nas percepções dos falantes é a atribuição da origem dessas palavras a sujeitos com baixo nível de escolaridade. Veja abaixo:

Gráfico 3 - Resultado da percepção sobre a escolaridade dos falantes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025) - Plataforma *Google Forms*.

Outra questão interessante no campo da percepção é a posição enunciativa dos sujeitos que reforçam esse estigma, visto que ao afirmarem que as pessoas que utilizam determinado grupo de palavras pertencem à classe social baixa e possuem baixa escolaridade, esses informantes se colocam, automaticamente, em uma posição enunciativa e social distinta daquela que projetam em suas respostas. Em outras palavras, ao classificarem o outro como aquele que “fala errado” ou “fala como quem não estudou”, eles constroem discursivamente uma imagem de si como pertencentes a um grupo social mais instruído e de maior prestígio.

Dentro dessa percepção, segundo a qual os sujeitos que utilizam esse grupo de palavras são indivíduos com baixa escolaridade, observam-se dois fatores principais. O primeiro é que após associarem essas expressões a pessoas que não concluíram o ensino fundamental e que talvez sejam analfabetas, em segundo plano, a um público que ainda não também não concluiu o ensino médio, conforme demonstra a tabela.

Arelado a isso, observa-se o estabelecimento de uma formação imaginária sustentada pelo preconceito linguístico, pois, ao analisar novamente os dados, nota-se que nenhum dos entrevistados considera que uma pessoa com nível superior possa utilizar gírias. Essa crença, entretanto, revela apenas um imaginário social marcado pela ideia de que o domínio da norma culta seria incompatível com o uso da linguagem coloquial. A própria etimologia “ensino superior” reforça esse imaginário social, sobretudo ao inferir um grau máximo de aprendizado, levando aquela que cursa ou

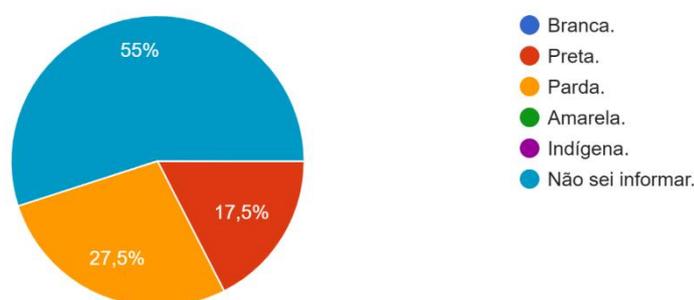
tenha cursado a um patamar elevado de saber, no qual o emprego de palavras informais seria visto como inadequado ou “impróprio” desse discurso.

Outro dado relevante, é a questão de como esses informantes projetam a identidade racial dos falantes dessas gírias/termos, diante disso, encontrou-se o seguinte resultado, veja abaixo.

Gráfico 04 - Resultado da percepção sobre a identidade racial dos falantes.

Como você imagina que seja o perfil racial ou étnico das pessoas que costumam usar essas palavras/expressões?

40 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025) - Plataforma *Google Forms*.

Há um rompimento de expectativa em relação a esse último dado apresentado no gráfico, pois, desde as perguntas anteriores, encontram-se traços de marginalização nas respostas, como a atribuição do uso dessas expressões a pessoas de classe social baixa e com pouca escolaridade, esse resultado destoante desse último gráfico pode ser explicado, como hipótese, pelo receio dos participantes em verbalizar seus preconceitos.

O gráfico mostra as respostas à pergunta “Como você imagina que seja o perfil racial ou étnico das pessoas que costumam usar essas palavras/expressões?”, observa-se que a maioria, correspondente a 55% dos respondentes, afirmou não saber informar o perfil racial ou étnico das pessoas que utilizam essas expressões, em seguida, 27,5% associaram o uso dessas palavras a pessoas pardas, enquanto 17,5% atribuíram o uso a pessoas pretas.

No entanto, nenhum participante indicou a categoria branco, mas apenas pretos e pardos, o que revela um estigma social que associa práticas linguísticas não normativas a grupos marginalizados e em posição socialmente desfavorecida, assim, é possível inferir que ao serem confrontados com uma questão mais sensível, os informantes optaram por não expressar uma opinião direta, evitando reproduzir julgamentos que pudessem ser interpretados como discriminatórios, apesar das respostas anteriores realizarem esse movimento de marginalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida buscou compreender como os falantes pedreirenses percebem as variações sociais da língua, considerando a presença de expressões e gírias no cotidiano e o modo como essas formas linguísticas são avaliadas socialmente. Ao longo da análise do *corpus* desta pesquisa, observou-se que as percepções sobre a variação social ainda estão fortemente marcadas por concepções normativas e por estigmas associados à escolaridade, classe social e à faixa etária dos falantes.

Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes associa o uso de gírias e expressões populares a jovens, sobretudo do sexo masculino, pertencentes às classes sociais mais baixas e com menor nível de escolaridade. Essa percepção reflete o preconceito linguístico, entendido nesta pesquisa como a desvalorização de formas legítimas de expressão em favor de um modelo idealizado de língua, observou-se ainda que a fala dos jovens é frequentemente interpretada como sinônimo de descuido ou desvio, quando na realidade representa o dinamismo da língua em pleno funcionamento.

Por outro lado, parte dos informantes demonstrou reconhecer essas expressões como elementos naturais da comunicação cotidiana, revelando uma postura mais aberta e consciente quanto à diversidade linguística, esse grupo, embora minoritário, indica um movimento de mudança nas atitudes linguísticas, em que as variações passam a ser compreendidas como parte integrante da identidade cultural e social dos falantes. Considera-se também que a língua continua sendo um marcador de identidade e um instrumento de distinção social, capaz de reforçar ou romper o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Parábola Editorial, 2006

Recebido em 31/10/2025

Aceito para publicação em 14/11/2025